

ACF

SEMINÁRIO ABERTO

1

O primeiro ensino de Lacan

Responsável: José Martinho

Começo por dizer algumas palavras sobre o título genérico do Seminário ACF deste ano, que será animado em dois tempos por mim e pelo Filipe Pereirinha: o “primeiro” e o “último” ensino de Lacan refere à ordem de leitura do percurso de Lacan estabelecida por Jacques-Alain Miller.

Em *Le tout-dernier Lacan*, Miller sublinhou ainda a existência de um “ultimíssimo” ensino, mas também de um primeiríssimo ensino, ou seja, o ensino de Lacan como médico psiquiatra, companheiro dos surrealistas, mas no qual podemos igualmente incluir o que Lacan disse e escreveu durante os anos da sua análise - no quadro da Sociedade Psicanalítica de Paris -, começada em 1932.

Como disse Miller na *Vida de Lacan*, o que caracteriza o primeiríssimo ensino é a recusa do Outro. Mas o que caracteriza o primeiro ensino – aquele que vou abordar neste meu Seminário - é a introdução e a prevalência do Grande Outro (A) na psicanálise.

Pode-se sempre criticar ou não querer saber da ordem de leitura proposta por Jacques-Alain Miller. Pode-se perder a sua preciosa orientação, mas também simplificá-la, como fez o Filipe Pereirinha numa recente apresentação do seu Seminário, onde reduz os muitos possíveis Lacan a dois. É destes dois que nós os dois vamos falar numa espécie de torção borromeana.

Vou comentar este ano o Seminário I de Lacan, *Os Escritos Técnicos de Freud*. O que irei dizer vai também girar em torno deste Seminário, mesmo se serei obrigado a fazer várias incursões no último e ultimíssimo ensino de Lacan.

Apesar de se reunir há já cerca de dez anos com os analistas da SPP mais interessados no estudo das *Cinco Psicanálises* de Freud (Lacan trabalhou muito particularmente os casos do Homem dos Lobos, do Homem dos Ratos e de Dora em Seminários no hospital Sant'Anne consagrados ao “retorno a Freud”), exposto em Roma (1953) o célebre Relatório intitulado *A Função e o Campo da Fala e da Linguagem na Psicanálise*, e proferido a sua conferência sobre *O Simbólico, o Imaginário e o Real* (1953), o Seminário I (1953-54) é, do ponto de vista do seu “verdadeiro ensino” como psicanalista, o primeiro da série dos Seminários que têm vindo a ser publicados pelo seu “executor testamentário”, Jacques-Alain Miller.

Lacan prossegue o estudo dos casos de Freud no Seminário III (sobre Schreber), no Seminário IV (Pequeno Hans) e um pouco por todos os outros Seminários. Ele pensa que Freud trouxe essa literatura, mas que já não interessa mais expor e comentar casos clínicos como um romance familiar, ou um mito individual do neurótico, pois a verdadeira psicanálise está para além dessa retórica. Lacan julga que os casos de Freud bastam para o efeito pretendido, mas que o seu ensino se situa num outro plano.

Queria lembrar que o Seminário I veio a lume (Edições do Seuil, 1975) durante a vida de Lacan, logo que este pôde dar o seu aval à ordem de publicação dos Seminários e ao texto estabelecido por J-A Miller.

O último Seminário da série, o 26º, é a *A topologia e o tempo* (1978-79). É verdade que Lacan deu mais três lições de um novo Seminário, intitulado *Dissolution* (1979-80), mas este foi por assim dizer o acto de dissolução da referida série dos Seminários e, ao mesmo tempo, da dissolução da Escola Freudiana de Paris (5 de Janeiro de 1980), instituição que Lacan disse, em 1964, ter fundado, sozinho, na sua relação com a causa analítica. Neste momento de

concluir Lacan-o-fora-de-série dissolve, pois, o seu ensino e a sua Escola.

Alguns anos antes da dita-solução, no Seminário XXIII (1975-76), Lacan retomou o seu “sozinho” fundador de 1964 afirmando que aquilo que tinha inventado se reduzia finalmente ao *sinthome*. É esta singularidade que faz com que Lacan não tenha podido legar realmente mais nada aos seus alunos, senão o exemplo de um saber-fazer com o seu *sinthome*.

O velho Lacan deixou-os deste modo num *patatras* (carta à EFP de 26 de Janeiro de 1981), termo que designa o estardalhaço que faz o corpo que cai violentamente no chão, mas também um jogo de sociedade (*tric-trac*), aonde se perde quando caiem os bonecos que se foram encaixando em montanha russa

Assim sendo, é até um certo ponto normal que seja também a um jogo de sociedade que se tenha livrado o monte (*tas*) de psicanalistas e associações que se reclamaram em seguida do ensino do morto.

Ao mesmo tempo que evocou o *patatras*, Lacan deu carta-branca a todos os que entendessem retomar o seu testemunho na estafeta da psicanálise, cabendo desde logo a cada um saber-fazer invenção do seu *sinthome* ou mostrar o que vale.

Mas, antes de falecer, Lacan lançou ainda para o ar duas ideias: a primeira é que não se deixasse que os discursos dominantes - o do amo moderno ou do capitalista e o da ciência, e, nos lugares onde a burocracia passou a dominar, o discurso universitário - assassinassem a psicanálise. Convidou deste modo aqueles que lutavam pelo discurso do analista a prosseguir a reconquista do “campo freudiano”. A segunda ideia, associada à primeira, foi que se criasse uma nova base de operações onde os mais decididos a lutar pelo discurso do analista pudessem se associar; evocando então a Causa freudiana, disse: “a Causa terá a sua Escola” (carta à EFP de 23 de Outubro de 1980).

Falecido em 9 de Setembro de 1981, já não foi Lacan, mas Jacques-Alain Miller que acabou por reunir alguns outros e fundar a Escola da Causa Freudiana de Paris, no final de 1981.

A EFP durou 16 anos e a ECF já tem 37 anos. Da primeira pouco restou. A segunda cresceu e tem hoje inúmeras parcerias com outras Escolas, Sociedades e Grupos dentro e fora da Associação Mundial de Psicanálise.

O que é uma verdadeira Escola de psicanalistas? Há partida podíamos dizer que é uma instituição que reúne artificial ou oficialmente uma multidão de sintomas. Jacques-Alain Miller adiantou ainda, em 21 de Maio de 2000, na chamada “teoria de Turim” (<http://www.causefreudienne.net/theoriedeturin/>), que esta é apenas a etapa final da constituição legal do sujeito de direito colectivo que é uma Escola, pois o que basicamente interessa é que a transferência de trabalho que aí se fomenta devesse o sujeito suposto saber dos membros que a Escola representará. O saber produzido (no lugar da verdade) é aqui um excelente critério para avaliar a excelência de uma Escola. Por esta razão também a ACF sempre apostou na produção de um saber que transmita o ensino de Lacan com o máximo rigor.

Como está mencionado na primeira edição francesa do Seminário I, apenas possuímos 22 aulas dadas por Lacan, já que faltam as lições do final do ano de 1953.

J.-A. Miller dividiu a transcrição desse ensino oral de Lacan em cinco grandes capítulos. Depois da Abertura, em que Lacan apresenta o psicanalista como um Mestre Zen, o 1º capítulo tem como título “O momento da resistência”, o 2º capítulo desenvolve a “tópica do imaginário”, o 3º caminha “Para além da psicologia”, o 4º fala dos “Os impasses de Michael Balint”, e o 5º é sobre “A fala na transferência”.

O 1º capítulo distingue, entre outras coisas, a “análise do discurso” e a “análise do eu”, distinção que Lacan sobrepõe à distinção clássica entre “análise do material” e “análise das resistências”. O material da *talking cure* consiste nas palavras que chegam ao analista pela via da fala do analisando. A análise do discurso (ou do desejo) mobiliza a estrutura e as leis da linguagem, enquanto a análise das resistências se debruça sobre o Eu psicológico do sujeito que fala.

A interrogação sobre o Eu vai conduzir Lacan a uma reelaboração da tópica do imaginário (2º capítulo), a qual estava anteriormente focada no “estádio do espelho” (1936-45). O desenvolvimento desta tópica obriga Lacan a recordar aos presentes os três sistemas de referência que introduzira numa conferência de 1953, a saber, o Simbólico (S), o Imaginário (I) e o Real (R). O Seminário I afirma a primazia do Grande Outro o do Simbólico sobre o Imaginário, mas também sobre o que se pode apreender como Real.

Ao mesmo tempo que retoma as três dimensões, Lacan vai se afastando de tudo aquilo que se chama “psicologia” (3º capítulo).

A descoberta freudiana do Inconsciente encontra-se para além da Psicologia. Lacan denunciará sempre qualquer inclusão da psicanálise na Psicologia Geral. Na p.127 dos *Écrits* encontramos por exemplo o seguinte: *nous les voyons donc, sous toutes sortes de formes qui vont du piétisme aux idéaux de l'efficiencie la plus vulgaire (...) se réfugier sous l'aile d'un psychologisme qui, chosifiant l'être humain, irait à des méfaits auprès desquels ceux du scientisme physicien ne seraient plus que bagatelles.*

Foi infelizmente este rumo psicologisante que seguiram muitos psicanalistas, a começar pelo próprio analista de Lacan, Rudolph Löwenstein, um dos promotores da *Ego Psychology* nos EUA.

Pode-se, pois, entender que Lacan não tenha querido prosseguir a sua análise com Löwenstein, na medida em que este não a podia levar mais além do reforço do Ego.

Depois de citar os impasses de vários outros colegas da IPA (Anna Freud, Melanie Klein, Annie Reich, Jean Bergler, Otto Fenichel, Ernst Kris, etc.), o 4º capítulo tece uma crítica de Michael Balint, a propósito da confusão que este prolonga entre “relação de objecto” e “relação inter-humana”.

O 5º capítulo formulará finalmente o conceito da análise como uma *praxis* e não como uma “técnica”.

Abertura

Lacan diz nesta época que o analista é um símbolo, e que é como tal que ocupa o lugar do Mestre na análise.

O analista simboliza o poder face à impotência do sujeito que lhe pede ajuda; em seguida, dirige ou orienta a “cura pela palavra”.

Ocupa também o lugar do antigo sábio, que guia quem o procura na busca verdade. O Mestre aqui não é um professor, não ensina *ex cathedra*, apenas facilita a resposta do sujeito à pergunta que o define, quando este já está prestes a encontrar a resposta.

Não se trata, pois, do Mestre no sentido das figuras da mestria da civilização ocidental, antiga ou clássica, como o *pater familias* romano, ou o Príncipe de Maquiavel; também não é o Filho de Deus com a sua mensagem evangélica, mas uma nova espécie de Mestre budista. O Mestre Zen não dá lições, nem conselhos a quem o segue, limita-se a causar o desejo do discípulo. O analista tem também o dever de causar o desejo do analisando de levar a análise até ao fim.

Mais tarde Lacan atribuirá explicitamente o lugar do Mestre do sujeito ao inconsciente e, depois, ao objeto a.

Lacan fala ainda do modo como o Mestre Zen actua, quebrando o silêncio com um sarcasmo ou outra banalidade qualquer. Esta interrupção do silêncio equivale a uma interpretação.

Tradicionalmente a interpretação é a operação da busca do sentido que falta através da fala.

Falar é já interpretar. Contrariamente ao que alguns pretendem, o analista não deve estar sempre calado, nem deve falar demais: “Muitas vezes o analista acredita que a pedra filosofal do seu ofício consiste em calar-se. O que eu digo lá é muito conhecido. De qualquer maneira é um erro, um desvio, o facto dos analistas falarem pouco”, disse Lacan em 1975, na Universidade de Columbia, nos EUA.

O Seminário I sublinha a importância da procura freudiana do sentido face à exigência positivista que reinava na época. No

entanto, Lacan afirma que aquilo que basicamente se trata não é da procura do sentido (por exemplo do sentido inconsciente de um sonho) mas, como o Mestre Zen, de dar um pontapé em todo o sistema.

É a “série” (n+1) dos Seminários iniciada no Seminário I que substitui o “sistema” no ensino de Lacan, e não a sua “teoria” como alguns gostam de dizer.

Lacan insiste no facto que Freud também não tinha nenhum sistema, que ele era contra toda *Weltanschauung*, cosmovisão ou mundovivência. O mundo não existe enquanto Coisa-em-si, como pretendia já Schopenhauer, pois tem sempre por detrás a vontade e a representação.

Freud defendeu o primado da “realidade psíquica” para dizer que cada um tem um mundo ou vive no seu mundo. Pela mesma razão a verdade que se procura na análise é a verdade de um só e não a verdade de todo o mundo.

O facto de o texto do inventor da psicanálise possuir uma face dogmática não implica que deva ser lido como um dogma gasto, tal como fez Anna Freud. Permanentemente aberto à revisão, podemos dizer que, por detrás da ortodoxia freudiana, há uma heresia fundamental.

Isso pode ler-se nas palavras de Freud enquanto são animadas por um movimento dialéctico, aberto ao diálogo e à história. Encontramos aqui o Freud hegeliano do primeiro Lacan.

O Hegel em questão não é o Filósofo do Saber Absoluto, do Círculo dos Círculos ou do Sistema dos Sistemas, mas o jovem Hegel da *Fenomenologia do Espírito*, tal como o ensinaram em França Alexandre Kojève, e depois Jean Hyppolite. Lacan mantém nesta altura um frutífero diálogo com Jean Hyppolite; este vem e intervém no Seminário de Lacan, nomeadamente sobre a relação entre a *Verneinung* (denegação) de Freud e a *Aufhebung* (negação da negação) de Hegel.

Trata-se do Hegel que põe em relevo - com a famosa dialéctica do Senhor e do Escravo - que o objecto do desejo não é uma coisa, mas um outro desejo. Aquilo que o desejo deseja é o seu

reconhecimento por um outro desejo. Hegel mostra que este reconhecimento não pode ser unicamente feito pela via do medo e/da luta à morte, que o desejo só realiza o seu reconhecimento de modo universal pela mediação da linguagem e do trabalho. Encontramos aqui uma ilustração do que leva o primeiro Lacan a dizer que o desejo é o desejo do Outro.

Não é a mesma palavra que designa o desejo em Hegel (*Begierd*), em Freud (*Wunsch*) e em Lacan (*désir*), mas é a mesma coisa que cada um trata à sua maneira.

No início dos anos 1960 Lacan fala mesmo do *Wunsch* como o “desejo de Freud”. Explica, por exemplo no Seminário XI, como este desejo é crucial para se entender a criação da psicanálise, criação por assim dizer *ex nihilo*.

Mas o Seminário I refere já o problema dizendo que há quem prefira explicar o nascimento da psicanálise e toda a obra de Freud pela sua vida, por exemplo fazendo de Freud um reflexo do seu século. Só que não basta escrever a biografia de Freud e reconstruir a História da Psicanálise para saber o que esta é e praticá-la.

Há um verdadeiro “acontecimento Freud”. Mas aquilo que interessa especialmente aqui Lacan é o que Freud começou a fazer depois de ter inventado a psicanálise. Finalmente, o que fazem os psicanalistas quando fazem psicanálise (SI, p.16).

Um outro ponto realçado por Lacan é que a psicanálise não é uma ciência, que, como psicanalista, Freud não realiza nenhum trabalho científico, nem faz investigação laboratorial como dantes. Mesmo se teve uma sólida formação científica, e se serviu muitas vezes da ciência para travar as fantasias, Freud nunca foi um cientista.

Lacan diz-nos que Freud parece mesmo querer regredir na história, ir à procura da origem, voltar ao pensamento mais arcaico, pré-científico, por exemplo quando se dedica, como os antigos oníriocríticos, à revelação do sentido dos sonhos.

Na verdade, trata-se de outra coisa: da emergência da psicanálise como um saber novo, aparecido na falha entre o saber antigo, mítico, e o saber moderno, científico.

Aquilo que interessa o criador da psicanálise não são os fenómenos físicos e a sua explicação por um sistema de forças, de ações e reações, como lhe ensinaram os seus mestres Brück, Ludwig, Helmholtz, Du Bois-Reymond. Não se trata para Freud de psicofísica, mas da subjectividade.

O sujeito freudiano não é psicológico, caracterizado pela função de síntese da consciência, ou filosófico, como o ser plenamente consciente de si; o que o caracteriza é o *Wunsch*, o voto ansioso, melhor dizendo, o desejo recalcado que retorna, e leva o sujeito a sonhar, cometer lapsos, actos falhos. É a este desejo que a análise oferece a oportunidade de falar.

É tomando a palavra no lugar da consciência que o desejo inconsciente pode vir a ser reconhecido. Este reconhecimento é finalmente o reconhecimento, ao nível do Outro, do que à partida é uma exigência de satisfação pulsional, que arrasta consigo as antinomias da infância, as vicissitudes da sexualidade, as incongruências da vida quotidiana, as complexas relações com outrem, com o meio, com a própria vida.

Importa aqui saber, e sublinhar – e é esta a subversão –, que no reconhecimento psicanalítico do desejo é sempre o sujeito que está em questão. Lacan começa mesmo por definir o sujeito como uma questão, uma questão sobre “si mesmo” (*soi-même, Selbst, self*) enquanto dividido (*Ichspaltung*).

Mas ainda: quando Freud começa a apresentar o sujeito da psicanálise é primeiramente ele que se apresenta.

Antes de poder apresentar-se como analista, se autorizar como disse mais tarde Lacan, logo antes de poder apresentar qualquer analisando aos colegas (supervisão, colóquios, etc.), o analista deve apresentar-se enquanto sujeito. Não só como sujeito em questão, isto é, em análise, mas como sujeito analisado, já portador da resposta que a sua psicanálise deu à questão que o mobiliza.

Entendemos assim melhor porque é que psicanálise não é uma ciência, dado que a ciência, por princípio, exclui toda particularidade subjectiva.

O sujeito da psicanálise também não é o indivíduo biológico, nem a alma da metafísica, não é um ente natural ou cultural, mas um X que emerge no campo da linguagem.

É o sujeito não só submetido à linguagem, como o sujeito criado, educado pelas palavras e os seus significados, por conseguinte pela falta ou o excesso de sentido dado aos fenómenos vitais, sociais e mentais.

Nesta medida, diz Lacan, a tarefa do seu ensino “é reintroduzir o registo do sentido”.

Ele não diz re-introduzir o sentido, mas o “registo” do sentido. Só interessa à psicanálise o sentido que fica registado. O Outro sentido – se existisse – permaneceria desconhecido ou envolto num insondável mistério. O sentido pode ser compreendido, mas, para Lacan, a riqueza da escuta reside na incompreensão. Não no que se compreende, mas no que surpreende. Há um capítulo do Seminário I que ensina que a verdade surge da *méprise*, mas também podia ser da *surprise*.

Tal como o sujeito desejante, o sentido pressupõe uma estrutura. Lacan demarca-se aqui de duas possibilidades: esta estrutura não é a estrutura físico-química do organismo, nem o arquétipo jungiano.

Aquilo que se encontra para lá da vida biológica é a vida das palavras. Primeiramente a linguagem comum, aquela de que toda a gente se serve como de um mau instrumento (*organum*). Mas é nela que reside o símbolo, não apenas como figura (por exemplo a imagem da balança figurando a justiça), mas o símbolo como fonema, letra e número, elementos sem aos quais não existiria ciência.

O sentido decorre da linguagem, mas não se confunde com ela. Depende igualmente das contingências, e acrescenta-se à vida transformando-a em existência histórica. Efectivamente o humano não vive apenas, tem também uma história, é, existe, por exemplo como filho ou filha, homem ou mulher, não se limitando a sobreviver como animal. No final do seu ensino Lacan explica que o sentido (*sens*) é um gozo (*sens-joui* ou *jouis-sens*) que se imiscui no sem-sentido radical do real.

É a busca do sentido que vai conduzir Freud - na direção da cura - à reconstrução da verdade histórica. A história não é a experiência vivida, mas o que se pode re-escrever sobre o passado.

A busca da verdade do sujeito faz com que a psicanálise não possa ser assimilada a uma determinação objectiva dos fenómenos anímicos. Depois de ter comparado, no *Mito individual do neurótico*, a análise a uma “arte liberal” – *Trivium* (lógica, gramática, retórica) e *Quadrivium* (aritmética, música, geometria, astronomia), Lacan diz que ela é análoga a um comentário de texto, em que o analista começa por decifrar, ao pé da letra, o criptograma do ser sujeito.

A estrutura do sentido remete Lacan para estrutura do discurso e do diálogo.

O diálogo analítico não é propriamente um diálogo, mas mais uma “arte da interpretação”. Lacan compara esta arte à de um bom cozinheiro (saber-fazer): o analista disseca a personalidade psíquica do sujeito como o cozinheiro corta ou decepa o corpo de um animal separando as partes, mas respeitando as articulações, sem quebrar o esqueleto e esmagar a carne.

Não é com uma faca ou um cutelo que o psicanalista opera, mas com conceitos, no fundo, com as palavras que desenham e descrevem as coisas antes que a ciência as consiga explicar.

Que Freud não seja cientista não faz dele um obscurantista. Lacan defende um Freud iluminista, cuja descoberta é uma redescoberta da razão num terreno baldio, não ainda cultivado.

O sentido contrapõe-se aos factos, mesmo aos factos provados cientificamente. Ele não depende, todavia, de um céu de ideias eternas ou de arquétipos, mas das leis da linguagem, da pontuação das frases, em suma, da gramática (como diziam Nietzsche e Wittgenstein); mas igualmente do contexto, das contingências históricas.

Lacan ensina que o psicanalista deve partir da função da palavra no campo da linguagem. Só assim se torna evidente que o desenvolvimento do Eu segue as vias da formação do sintoma, em resumo, que o Ego é um sintoma.

No final do Seminário I, a propósito da histeria, Lacan explica ainda que, diferentemente das outras formações do inconsciente, o sintoma não pode ser unicamente pescado com a rede da linguagem, do *verbum*, pois ele é *signum*, signo, assinatura no corpo.

O Ego era central na confusão que reinava então na psicanálise. Assim, Lacan vê-se obrigado a distinguir radicalmente o *Ego (moi)* e o sujeito (falado e falante).

Freud dizia que o Eu tem à partida a forma de uma superfície corporal. Houve mais tarde quem falasse de um “Eu-pele” pois, como o camaleão, o Eu pode confundir-se com o saco ou que seria a pele que en-cobre a carne e os ossos.

É também esta ilusão que Lacan explica com o “estádio do espelho”, pois o Eu e o corpo próprio não são a pele do organismo, já que se formam à imagem e semelhança do outro.

Como explica Miller, o mundo estruturado pelo estágio do espelho é um mundo transitivista. Transitivismo quer dizer que não se sabe se foi você ou o outro que fez. Quando a criança bate na outra, diz: “Ele bateu-me”. Há uma confusão: “fui eu ou foi ele?”. É um bom exemplo para compreender que se trata de um mundo de areias movediças. É um mundo instável, um mundo sem consistência, um mundo de sombras. É por isso que convém que este mundo seja ordenado pelo simbólico.

Se o Eu (*moi*) é uma figura imaginária, o sujeito (*je*) é uma forma simbólica, apenas situável no campo da linguagem.

O sujeito da psicanálise é basicamente o da enunciação. É quem diz “eu” (*je*), ou “nós” (*nous*), ou a “gente” (*on*), etc, que não só se pode desdizer, contradizer, mas também expressar-se nos mais variados registos, comunicar, endereçar-se a outrem, falar como o analisando ao analista.

De cada vez que fala, o sujeito invoca, evoca, convoca a estrutura da linguagem. É a esse lugar prevalecente, não transcendente, mas heterogêneo à realidade humana, que Lacan chama o “grande Outro” (A).

“A” é antes de mais um lugar vazio. É também a “Outra cena” do mito trágico-cômico, do teatro privado, do romance familiar, o

lugar da representação, que pode ser habitado por múltiplas personagens.

Nos termos da teoria da comunicação é o lugar do código a partir do qual o sujeito pode formular, de modo invertido, a sua própria mensagem (queixa, demanda, etc.).

É ainda no lugar do Outro que se situa o “Tu” do reconhecimento do desejo e desejo de reconhecimento, “Tu” do *je*, para lá do *alter-ego*, do “pequeno outro” do ódio e do amor.

Como não deram, nem dão, a devida importância ao Outro, os pós-freudianos reduziram a sua prática à análise do Ego.

Trata-se regra geral do *Ego* da segunda tópica. Mas a perspectiva estrutural que Freud constrói a partir de 1920 não é a mesma de que falam os seus seguidores.

Estes não entenderam que a segunda tópica é a nova versão freudiana do sujeito dividido (*Ichspaltung*), um Eu cindido entre várias instâncias. À força de fazerem do Ego um herói do tipo Hércules, eles esqueceram que ele era mais parecido com o Arlequim da *Commedia dell'Arte*, servidor de dois amos, o Id e o Superego.

Quando partimos da estrutura da linguagem podemos não só distinguir entre Supereu e Ideal-do-eu, como entender que este último é um elemento simbólico, estudado por Freud como polo de identificação. É também o Ideal-do-eu que preside à criação do sentido mais alto, da satisfação dada pela sublimação.

O sublime, como dirá Lacan, é o ponto mais elevado do que se encontra em baixo. O Ideal-do-Eu não eleva apenas para as alturas da cultura, pode igualmente conduzir à mania, quando é o Eu se toma pelo Ideal; e à depressão e melancolia, quando a sombra do objecto perdido que o Ideal encobre se abate sobre o Eu.

Erro semelhante acontece com o Supereu. Freud definiu este como um imperativo moral derivado do complexo de Édipo. Melanie Klein vê-lo-á de preferência como o herdeiro da posição esquizo-paranóide do bebé na relação precoce com o seio devorador. Lacan discute esta autora mais à frente no Seminário I. Por enquanto contenta-se a explicar que, se partirmos uma vez mais da estrutura

da linguagem, o Supereu é uma frase desprovida de sentido, que enuncia uma lei absurda, ou uma ordem inexplicável, do tipo: “vira à direita”. O Eu vê-se então obrigado a seguir nessa direção sem saber como nem porquê.

Por sua vez o Id não é um dado objectivo, por exemplo um instinto, ou uma quantidade de energia mensurável, como há quem goste de imaginar a pulsão freudiana. Lacan lembra que uma análise nunca procurou determinar a carga energética ou a taxa de erotismo e de agressividade de um indivíduo.

Mesmo o “Tu és isso” que ilustra nesta época o fim da análise para Lacan não reduz o sujeito ao que ele é de uma vez por todas, ou seja, não define nenhuma positividade ontológica; indica apenas que o desejo do sujeito foi finalmente reconhecido pelo Outro - Tu és isso que desejas.

Mas há um resto, pois o sintoma permanece, irreduzível. Lacan explica nesta passagem que o fim da análise não suprime a falta, ou seja, o desejo, nem elimina o sintoma. A análise não é uma cura radical, que vise alcançar o pleno domínio de si, o equilíbrio total, a ausência de paixão.

O que uma análise faz é formar um analista. Um analista capaz de sustentar o que se passa sob transferência, atento ao momento oportuno para intervir, sem falar demasiadamente cedo, nem demasiadamente tarde. É esta arte da prudência (Baltazar Gracian) que faz com que a análise possa devir didáctica, formadora de quem virá a ser capaz de ocupar o lugar e a função do analista.

O Momento da Resistência

I

Com o início do novo ano de 1954, Lacan pede aos presentes que cessem de rir, que trabalhem mais, porque não basta virem escutar o Mestre. É assim que começa a abordar o problema da

resistência à psicanálise, em particular da parte dos presentes, na sua grande maioria psicanalistas.

O que seria desejável é que todos os que vêm ao Seminário dessem o seu máximo, mas já não seria mau que cada um não se demitisse das suas responsabilidades, por exemplo quando se lhe pede para falar, formular uma pergunta ou apresentar um texto de Freud.

As coisas só podem começar a mudar a partir do momento em que cada um chega ao Seminário - como chegaria a uma sessão analítica - com o desejo decidido de abandonar os seus rituais quotidianos, ou outra qualquer forma de burocracia, disposto a mudar realmente algo na sua existência.

Começar a trabalhar pode ser um bom começo para sair da inércia da relação imaginária ao ideal/rival.

1

O que Lacan propôs aos que assistiam ao Seminário I é que cada um lesse os “escritos técnicos” de Freud. Este não é o título original desses artigos algo dispersos, reagrupados como *Kleine Neurosen Schrifte*, mas o título fixado pela tradição para informar o jovem e inexperiente analista, não só sobre as várias facetas do método, como sobre a sua essência.

Mas não há essência da técnica, nem método profilático, nem psicoterapia psicanalítica. Como dirá mais tarde Lacan “não há metalinguagem”.

Freud não aplicava nenhuma grelha, nem podia ter alguma, até porque estava a inventar a psicanálise. Sozinho.

Foram os pós-freudianos que julgaram poder fixar os princípios da técnica analítica, o método e as regras da direção da cura. Foram eles que definiram, em Manuais como o de Fenichel, a análise *standard*, e estabeleceram a lista das indicações e contra-indicações

ao tratamento, afastando-se assim uma vez mais da letra e do espírito do inventor da psicanálise.

Lacan lembra que aquilo que mais caracteriza os chamados escritos sobre a “técnica psicanalítica” (1904-1909) não é nenhuma “técnica”, mas o facto de serem um grupo de textos que se situam a meio do percurso de Freud, entre a etapa de germinação da obra e sua abordagem estrutural.

A “Coisa” freudiana nasce por volta de 1900. Em 1904 Freud baptiza a sua invenção “Psicanálise”. Em 1909 desloca-se aos EUA com Jung e outros discípulos, dizendo que leva a “peste” para o sonho dos americanos. Em 1920 elabora a teoria estrutural e tece as últimas reflexões metapsicológicas. Por fim, de 1934 a 1939, publica mais uma série de importantes artigos sobre o que fazem os psicanalistas.

Ler os acontecimentos na sua cronologia não é a mesma coisa que os ler na sua simultaneidade, dito de outro modo, a génese da obra freudiana não é a sua estrutura. Logificar a invenção freudiana - e não escrever o “Vocabulário da Psicanálise” - foi uma constante preocupação de Lacan.

Lacan insiste: não existe um único texto de Freud – dos *Estudos sobre a Histeria* a *Análise Terminável e Interminável*, passando pela *Interpretação dos Sonhos* e as *Construções na Análise* -, onde ele não fale do que se chama a “técnica”, isto é, do que faz quando faz psicanálise.

O que interessa sempre é o que se faz, desfaz ou simplesmente não se faz ou se deixa por fazer. Só depois é que se pode saber o que convinha ou não ter sido feito, e se houve, ou não, saber-fazer.

2

A frescura da obra de Freud aparece até no facto de ele falar sobre a “técnica” com a maior das ligeirezas, mostrando que o verdadeiro problema reside num Outro lugar.

O que preocupa Freud não é a técnica, mas a ética. Para ele a psicanálise baseia-se no amor à verdade. Sem a procura da verdade o sujeito não tem a mínima chance de tentar realizar o seu desejo.

Se a verdade se situa no lugar do Outro e a sua procura se faz no campo da linguagem, os caminhos que toma essa busca da verdade em Freud são variados: caminhos da curiosidade (sexual), mas também do sofrimento. Foram ainda os caminhos da necessidade de uma certa autoridade, da desconfiança na compreensão daqueles a quem se tem algo a ensinar, e até caminhos de um certo pessimismo relativo à natureza humana.

Dando um salto de Freud até à situação da psicanálise em 1954, Lacan diz que o que aí reina é a confusão sobre o que faz o psicanalista. Os pós-freudianos construíram uma nova torre de Babel, num alarido constante, numa perpétua contradição de pensamentos, com proliferação de fantasias onde o humor está, regra geral, ausente.

Ninguém entendia devidamente o fundamento da *talking cure*, pois ninguém partia da palavra. O que veio substituir a palavra foi a relação “inter-humana”. Após Rickman, Balint chamou a esta relação uma *two bodies psychology*; é uma designação mais apropriada que a *one bodies psychology* defendida por outros, mas insuficiente para alcançar o lugar do Outro como campo da linguagem.

3

No entanto é a linguagem que permite a Freud o “fogo cruzado” da interpretação e as construções na análise, operações que servem para decifrar o criptograma que o sujeito é antes de mais para si mesmo.

Hegel é um pensador moderno quando diz que “o real é racional”, ou seja, que o real hoje não é mais o da percepção, mas o real lógico, o das articulações significantes. Os gregos, por exemplo, acreditavam que o sol tinha o tamanho de um punho

fechado, mas a ciência moderna veio explicar com as suas fórmulas matemáticas que assim não é.

Deixando as ciências exactas e dirigindo-se para as conjecturais, Lacan diz-nos que o real histórico não é o passado, mas o passado nomeado, escrito, analisado, eventualmente com a síntese que supera as contradições. Neste capítulo, Freud limitou-se a estabelecer o poder da palavra como princípio psicanalítico da reconstrução da verdade histórica.

Ainda que o destino possa já parecer traçado, nem tudo está escrito. As construções na análise do que foi primordialmente recalçado permitem que o analisando saia da repetição do mesmo e inscreva sua diferença (estilo) numa história com futuro.

4

A concepção da experiência analítica baseada na palavra, na procura do sentido e na reconstrução da verdade histórica diverge totalmente das então propostas, por exemplo da que concebia a sessão analítica como uma descarga homeopática ou em pequenas doses da apreensão fantasista do mundo.

Os pós-freudianos tinham efectivamente abandonado os poderes da palavra realçados por Freud para centrar a sua atenção na fraqueza e força do *ego*. A partir de 1920 repetem: só nos interessa o *ego*, é só com o *ego* de preferência são do paciente que negociamos, que estabelecemos uma aliança terapêutica, porque a análise é uma conversa entre egos ou iguais.

Esta concepção da prática confronta-se desde logo com o facto do *ego* não só se formar, como ter a mesma natureza do sintoma. É o que acaba por mostrar à sua maneira o livro de Anna Freud sobre *O Eu e os Mecanismos de Defesa*.

5

Lacan adianta que o acto analítico não é a mesma coisa que o comportamento do analista, e que ambos são bastante diferentes da elaboração teórica que deles se faz.

O mais absurdo é que os psicanalistas - no seu esforço para integrar a psicanálise na Psicologia Geral - tenham passado a acreditar que apenas era possível pensar a partir e no interior do sistema do “Eu humano”.

Desde logo intervém na *praxis* com o seu próprio *Ego*, o que os leva por exemplo a defender a análise da contra-transferência.

Ao fazerem do seu *ego* a “medida do real”, começaram a comportar-se como os elefantes quando entram numa loja de porcelanas.

II

Primeiras Intervenções sobre a resistência

Vamos caminhando pelas partes 1,2,3,4 e 5 do capítulo II, do Seminário I.

Anzieu, Mannoni, Perrier e Granof aceitam finalmente falar no Seminário. Didier Anzieu inicia estas comunicações apresentando os *Estudos sobre a Histeria*. É um texto eminentemente “técnico”, mesmo se não está normalmente incluído nos chamados “escritos sobre a técnica”.

Destaco aqui dois dos assuntos de que Anzieu fala: a técnica da pressão sobre a testa e o modelo neural do aparelho psíquico.

Com Lucy R. Freud utiliza ainda a técnica da pressão sobre a testa para vencer a resistência da paciente à associação livre, sobretudo quando tinha dificuldade em hipnotizá-la.

Lacan salienta que, como “técnica”, a pressão sobre a testa não tem nada de científico, o que mostra uma vez mais que o que Freud fazia como analista não era ciência.

Aquilo que interessa Freud não é a realidade objectiva, mas o sujeito, mais precisamente, a procura da verdade do seu desejo. É o que ele fazia para tal era convidar o sujeito a falar livremente.

Anzieu cita também uma passagem dos *Estudos sobre a Histeria* em que Freud se serve de uma metáfora neurológica para descrever o que se passa no aparelho psíquico. A rede neural é uma metáfora da rede das palavras que se sobrepõe à realidade material e sobredetermina a realidade psíquica. Freud refere-se também aí à matéria sonora das palavras, àquilo que os linguistas modernos chamam “fonemas”.

Ele fala de “imagens verbais”. Estas condensam-se e deslocam-se ao longo da rede e acabam por constituir os arquivos da memória que Freud chama «inconsciente».

Nesta rede existem pontos nodais, mais as pontes que se podem ou não construir entre eles. O modelo apresentado por Freud é ainda o da lógica associacionista das ideias.

É num destes pontos da rede que Freud situa o Eu do sujeito. Noutra ponta situa o traumatismo contra o qual o Eu se defende e que leva à formação do sintoma.

A relação do Eu com o sintoma passa por duas linhas da rede que se cruzam como as coordenadas cartesianas: um eixo longitudinal (diacrónico) e um eixo vertical (sincrónico); noutra linguagem, uma dimensão histórica e outra estrutural.

O sintoma tem a sua origem no trauma. Freud explica que a relação do Eu com o núcleo patogénico segue normalmente uma linha em “ziguezague”: quando a massa das ideias (representações simbólicas e imaginárias) associadas ao trauma se aproxima do Eu, este resiste no sentido longitudinal, faz uma fuga em frente, ou regride. Quando essa massa se aproxima da verdade recalcada, a resistência do Eu faz-se no sentido vertical, ou seja, o Eu cessa de ir buscar as palavras que levantariam a censura impedindo o dispositivo da cura pela fala de funcionar devidamente.

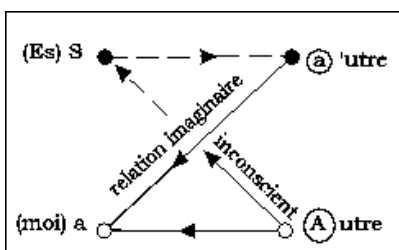
Tudo se passa pois como se a força da resistência do Eu fosse inversamente proporcional à distância em que este se encontra do

núcleo patogénico. Quanto maior for a distância desse núcleo, menor é a força do Eu, e vice-versa.

É o trauma que tem aqui valor de Outro (absoluto) do Sujeito. O que deixa entender que o recalçamento primordial é o da Coisa pela Palavra, ou recalçamento do Real pelo Simbólico (linguagem). Deixa também entender - é o caminho de Freud que vai do trauma ao fantasma - que a relação imaginária com a rede dos símbolos se torna a verdadeira realidade do sujeito ou realidade psíquica. O sujeito tenta preencher o buraco na rede com uma representação.

O Eu resiste ao trauma (R) e à verdade (S), mas o que é a resistência? A resistência é um fenómeno imaginário, que se processa na relação dual entre *ego* (a) e *alter-ego* (a'), que os pósfreudianos confundem muitas vezes com os dois pólos da relação simbólica, o sujeito (Es-S) e o Outro (A). No caso da análise: a fala do analisando e a escuta presencial do analista.

O esquema L - que encontramos nos *Escritos* de Lacan - mostra também aqui a sua pertinência:



Posteriormente, como na página 548 dos *Écrits*, Lacan introduziu algumas modificações neste esquema: é “a” que está no lugar do outro, e “a'” no lugar do Eu. O sujeito aparece aqui barrado (\$), vinculado ao objecto (\$◊ a).

O ensino de Lacan destina-se primeiramente aos psicanalistas. Podemos dizer que ele ensinou para que os analistas se retirem do beco sem saída - a “relação imaginária” (a-a') - em que os colocaram a Psicologia do Ego e das relações de objecto próprias à psicoterapia que praticam.

Depois de dizer algumas palavras a propósito das sempre estéreis discussões psico-sociológicas sobre a personalidade de Freud, a sua vontade de poder, etc, Lacan regressa ao texto do inventor da psicanálise, para sublinhar que existe um hiato entre a primeira teoria do Eu exposta nos *Estudos* – a massa das ideias fugindo ao núcleo patogénico – e a teoria do Eu da segunda tópica. Na segunda tópica o Eu não foge do perigo, alia-se ao inimigo, e participa finalmente das vantagens trazidas pela formação de compromisso do sintoma.

O interesse quase exclusivo de muitos pós-freudianos pela segunda tópica levou-os a focarem-se no *Ego*, em detrimento dos dois outros termos da estrutura do sujeito dividido (*Ichspaltung*), a saber, o *Id* e o *Superego*.

Isto fê-los querer incluir a Psicanálise na Psicologia do *Ego* que vigorou nos EUA, com o apoio de Anna Freud. O *Ich* freudiano foi desde logo concebido como a “função de síntese” do sistema percepção-consciência. Entre outras coisas, faltou aos adeptos da Psicologia do Ego esclarecer porque é que a função de síntese falhava ou, melhor, nem sequer existia na psicose. É o que Lacan irá explicar com o “caso Schreber” (Seminário III), e mostra com a transformação do esquema L em R, e a deformação deste no esquema I (cf. na “Questão Preliminar a todo o tratamento possível da psicose” in *Écrits*).

III

A Resistência e as defesas

1

Dou-vos de chofre a chave de leitura das próximas passagens do Seminário I que irei comentar: a resistência é um fenómeno imaginário, que acontece na relação entre *ego* e (*alter*) *ego*, enquanto que a defesa (e os seus mecanismos) é uma tentativa de

simbolização do Imaginário (dimensão em que o 1º Lacan coloca ainda a pulsão e o fantasma). É deste modo que o Simbólico vai conquistando um ou o seu Real ao terreno do Imaginário. Resta esclarecer o Real traumático contra o qual lutam os mecanismos de defesa.

Lacan lembra que, se a psicanálise funcionasse apenas na base do respeito pelo *ego* humano, então não havia razão para se querer eliminar as resistências e analisar os mecanismos de defesa.

É esse respeito pelo *ego* do analisando e sobretudo do analista que levou os pós-freudianos a pensar que o essencial da cura era a análise da contra-transferência. Esta teoria é um resultado da resistência do *ego* do analista à análise.

Lacan ilustra a resistência do analista com um exemplo tirado de Annie Reich, uma psicanalista vianense adepta da *Ego Psychology* que viveu em Nova Iorque. Um dos seus pacientes fez um dia uma comunicação radiofónica sobre um assunto que interessava particularmente a analista; apesar da prestação ter sido excelente, ele chegou à análise num estado de grande aflição. Annie Reich interpretou isso dizendo que ele se sentia culpado de ter falado na rádio no lugar da analista.

Esta interpretação agravou bastante o estado de saúde do paciente, ao ponto de ter demorado cerca de um ano a remeter-se. O restabelecimento só foi possível depois de ser ter reconhecido na análise que o mal-estar ressentido não tinha a ver com o medo de desagradar à analista, mas com um sentimento de culpa relativo ao recente falecimento da mãe do paciente. A sua mãe amada já não podia mais escutá-lo na rádio e orgulhar-se dele, mas, ao mesmo tempo, a excelência da comunicação do filho mostrava que a morte da mãe não impedia que ele tivesse tido sucesso.

O importante aqui, diz Lacan, não é que Annie Reich tenha sentido inveja do seu paciente quando o escutou na rádio, mas que tenha acreditado que este se sentia mal por causa dela, criando assim um problema que não existia.

Aproveitando este exemplo de resistência do analista à análise Lacan aproveita para lembrar que a definição freudiana da resistência - “tudo o que impede a continuação do trabalho analítico” - é bastante mais larga que o problema colocado pela contratransferência.

A contratransferência não é a única coisa que impede o trabalho analítico. Pensa-se muitas vezes que a análise visa a rememoração do passado infantil e sexual. Diz-se, por exemplo, que o sonho é a realização de um antigo desejo recalcado, mas a hipnose também procura a recordação.

O que interessa a análise lacaniana do sonho não é a revivescência da memória, mas o reconhecimento do desejo inconsciente que o sonho tenta realizar de modo alucinatório. Este reconhecimento é a condição para que o desejo não fique anónimo.

O sonho tenta realizar o desejo, mas também o disfarça e fantasia. Lacan dá um exemplo pessoal: conta que há oito dias alucinou um Marquês do século XVIII quando acordava de um sonho; e comenta que aquilo que liga o momento presente em que a fala desse sonho ao passado (seu e histórico) não é outra coisa senão um fantasma - possivelmente sadiano - sobre um Marquês do século XVIII.

Só a análise do fantasma permite ao sujeito sair da relação imaginária ao outro (passado ou presente sob transferência). Veremos mais tarde como os pós-freudianos - em particular Melanie Klein - analisavam o fantasma.

IV

O Eu e o outro

Existe já no Seminário I uma *Verwerfung* originária, que é a rejeição do Real pelo Simbólico. É também por este motivo que

Lacan se irá ocupar essencialmente da conquista do Imaginário pelo Simbólico. O Real primordialmente recalcado pelo Simbólico pode ser situado no S (Es) do esquema L.

O Real que conta para os humanos desde o século XVII passou efectivamente a ser o da Ciência Moderna, mais propriamente o Real matemático. É este o Real que a ordem simbólica pode situar, nomear, articular, enumerar.

A anulação de R por S é logicamente anterior a qualquer inscrição, afirmação (*Bejahung*) de um símbolo ou encadeamento simbólico na realidade psíquica, por conseguinte anterior à possibilidade de qualquer juízo afirmativo e negativo (*Verneinung*).

É apenas no Seminário 3, a propósito da psicose, que Lacan vai falará da *Verwerfung* num sentido mais estrito, a “preclusão do Nome-do-Pai” (*forclusion du Non-du-Père*). O Seminário I faz já uma referência à alucinação psicótica do dedo cortado do “Homem dos Lobos”. No seu último ensino Lacan voltará à *Verwerfung* no sentido lato, como ele diz, à *Verwerfung* que reina no mundo.

Parêntesis: no lugar do Outro como campo da linguagem reina a ordem simbólica da língua. O tradicional representante desta ordem na família é o pai, não enquanto sujeito (neurótico ou outro), mas como significante. É ao significante do pai que Lacan - utilizando o vocabulário da religião - vai chamar “Nome-do-Pai”. O complexo de Édipo devém então a “metáfora paterna”, ou seja, a substituição do significante da mãe (DM) pelo do pai (NP).

Quando o significante do pai desaparece do Simbólico ou se perde nas trevas o que passa a dominar é o Desejo da Mãe, melhor dizendo, o seu capricho. A ordem simbólica deixa então de o ser, de governar a realidade.

O recalçamento primordial é um conceito que não pode ser entendido pela psicologia genética. A criança de Piaget é “egocêntrica”. A ideia directriz do seu construtivismo é que o conhecimento sensório-motor e depois lógico se desenvolvem a partir do Eu. O psicólogo não entende devidamente que o desejo da criança está desde o início aberto ao Outro, atento ao mundo, a todos

os objectos que os adultos lhe trazem, como faz o psicoterapeuta quando lhe propõe os seus cubos ou testes.

O desejo revela-se como tal na abertura ao Outro. Não é na infância do indivíduo ou da humanidade que o desejo tem a sua origem, mas, estruturalmente, no Outro.

A matéria-prima do desejo inconsciente não é o pensamento, com ou sem imagens, mas a palavra e seus efeitos. A natureza do desejo ou da falta que Freud chama “castração” reside também aí.

Lacan diz que é isso que faz com que Freud fale de revelação do desejo e não da sua expressão, do momento em que o desejo se perde num objecto. Nenhum objecto satisfaz definitivamente o desejo. Este só permanece indestrutível como desejo de outra coisa.

A *Träumdeutung* mostra como o desejo se expressa disfarçado. Para revelar o desejo inconsciente é preciso traduzir o conteúdo manifesto no latente, decifrar a charada do sonho.

A resistência não se manifesta quando o desejo se expressa, mas quando está preste a revelar-se. É só quando o caminho da revelação fica barrado que o Eu do sujeito deixa de procurar a realização simbólica do desejo na palavra, para se voltar para o (pequeno) outro e se agarrar imaginariamente a este.

Para sair deste círculo vicioso, Lacan volta à distinção inaugural dos 3 eixos sem os quais não é possível entender nada da experiência humana e psicanalítica: S, I e R.

VII

A Tópica do Imaginário

Lacan diz que, para conseguir falar devidamente do Imaginário e das relações deste com o Simbólico e o Real, seriam preciso vários anos. Todo o seu ensino o prova.

Ele começa a falar mais especificamente do Imaginário quando propõe o “estádio do espelho” aos psicanalistas (XIV Congresso

Internacional de Psicanálise, Marienbad, 1936); 13 anos depois (XVI Congresso da IPA, Zürich, 1949) retoma o tema até que Jones lhe corta a palavra. Lacan parte então para um outro estádio, em Berlim, onde se realizam os Jogos Olímpicos sob a patronagem de Hitler.

O espelho sempre deu azo a metáforas. Diz-se por exemplo ainda que a ideologia espelha ou reflete as condições reais da existência.

O termo que Lacan junta a “espelho” é “estádio” (*stade*) - nome que designa também um recinto desportivo -, e não “fase”, porque entende que o que aí se passa é bem mais do que uma etapa do desenvolvimento do (Eu) da criança. Lacan nunca colocou o estádio do espelho entre o oral e o fálico.

O estádio do espelho é constituinte do que designamos como o Eu (*moi*). Este não é um dado natural, mas algo que se forma pela via de uma identificação, ou se cria à imagem e semelhança de uma Forma primordial (*Urbild*).

O circuito de um estádio não é o percurso progressivo de uma linha recta.

Depois da entrada no estádio (entre os 6 e os 18 meses aproximadamente) o sentimento da existência de um Eu uno e idêntico a si mesmo permanece ao longo das idades da vida, ao mesmo tempo que se efectua a separação entre o indivíduo da espécie, o sujeito psicológico (*moi*) e aquele (*je*) que está em jogo e questão no Simbólico.

Chama-se “imagem especular” à imagem reflectida no espelho. É um fenómeno óptico. A imagem que se forma no aparelho psíquico e com a qual a psicanálise lida, não é especular, mas mental. Todavia Lacan lembra que não é por acaso que chamam às duas “imagens”, porque ambas fazem parte da “tópica do Imaginário”.

Freud já se tinha servido de um modelo óptico no capítulo VII da *Träumdeutung*, para distinguir a imagem mental e a imagem neural. Ele concebe a realidade psíquica – que situa entre percepção e consciência motora – como diferente da realidade anatómica ou da

localização cerebral. É deste exemplo freudiano que Lacan parte para desenvolver as suas considerações sobre o Imaginário.

Explica que as imagens são símbolos e não apenas ícones, ou seja, que contém leis matemáticas.

A óptica é o capítulo da Física que estuda as leis da formação e deformação das imagens. Esta ciência fornece um modelo mais favorável à homogeneidade (tópica ou topológica) que se encontra por exemplo no sonho, contrariamente a outras ciências utilizadas por Freud, como a anatomopatologia, que dissecam ou operam cortes, como acontece no lapso.

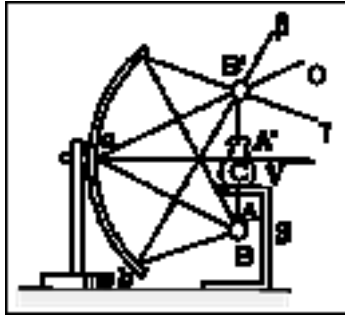
Ela distingue as imagens virtuais (ditas subjectivas porque o olho só as pode ver directamente ou não projectadas num ecrã) e as imagens reais (ditas objectivas, que podem ser vistas como objectos num ecrã ou tela).

A óptica dá igualmente conta de ilusões como o arco-íris, que pode ser fotografado, mas que não existe realmente; explica também os erros de paralaxe, que implicam o deslocamento do olho do observador para um lugar enganador da sua visão.

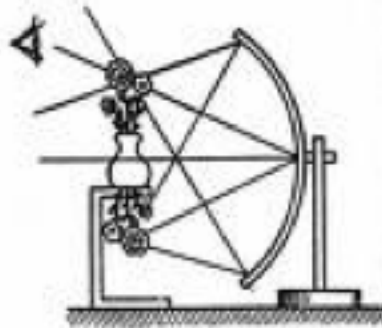
O olho não é apenas um órgão, um apêndice do córtex, mas também uma representação clássica do *percipiens*, tanto do sujeito da percepção, como da teoria do conhecimento. A Ciência Moderna acabou por reduzir o sujeito a um olho, que pode até ser cego, se a observação for neutra e a prova objectiva.

Para a apresentação da “tópica do imaginário” - o “lugar do Imaginário na estrutura simbólica” - aos seus alunos, Lacan vai servir-se de um livro – Bouasse, *Optique et photométrie dites géométriques*, Paris: Delagrave, 1947, 4.^a edição – de óptica “divertida”, como diz que a psicanálise deveria ser. É nessa óptica divertida que Lacan colhe o seu ramo de flores invertido.

O esquema do “ramo invertido” coloca um espelho esférico côncavo em frente de uma caixa, no interior da qual se depõe um ramo de flores, e, por cima deste, uma jarra ou um vaso vazio:



Quando o ramo (AB) se reflete no espelho côncavo e o raio de luz chega ao ponto que lhe é simétrico (B'A'), aparece no espelho a imagem real, invertida e do mesmo tamanho de um jarro de flores situado no centro da curvatura, se e somente se o olho se encontrar no interior do cone visual que corresponde ao ponto luminoso (O). Podemos representar esse olho da seguinte forma:



Por razões “didáticas” Lacan compara o espelho côncavo ao córtex, a caixa ao corpo, o ramo às pulsões e desejos, e as flores aos respectivos objectos. O Eu é o ponto que corresponde à *Urbild* formada pela imagem (virtual) que o olho vê como um vaso de flores.

Mas é claro que tudo isto só fica no lugar devido se o olho respeitar a ordem simbólica (leis da óptica) ou se situe no cone visual do espelho côncavo. De outra maneira não aparece nada semelhante a um *ego*, apenas um corpo sem órgãos (caixa vazia),

pulsões e objectos parciais (ramo que não entra no vaso, flores dispersas ou fora do gargalo da jarra).

Se no chamado *setting* o analista se senta por detrás do ângulo de visão do analisando deitado no divã, é também para que a análise não decorra no único plano da relação imaginária.

Resumindo, é a posição do olho no aparelho ótico que sobredetermina a relação da imagem (Eu) com o objecto. Podemos então dizer que a acomodação (do cristalino) é a relação mais cómoda que se tem com aquilo que chamamos “realidade”.

O R que S e I não conseguem apanhar na sua rede fica precluído, normalmente escondido à vista e visão, logo fora da janela através da qual cada um vê a realidade.

2

O real em causa - (Es) S - não é um Eu primitivo. O *Ur-Ich* freudiano é já um efeito do Simbólico.

É só com o estádio do espelho que aparece a imagem de um corpo fechado e completo, antes mesmo que a maturação neurofisiológica e da locomoção e a fala se processe. É nesse momento que o indivíduo prematuro se vê, se reflecte e concebe pela primeira vez como um todo, um Eu possuindo um interior e um exterior, com um corpo próprio não despedaçado, bem distinto dos objectos.

Aquilo que existia antes desta deslumbrante visão não é bom, nem mau, por vezes é um monte de peças soltas. É só quando a jarra é vista com o ramo de flores lá dentro que fornece a boa forma (*Urbild*) à qual o Eu se identifica. Este passa então a ver-se como um ser inteiro, com atributos (intelecto, vontade, bens, etc) que lhe são naturalmente próprios.

Conclusão: o Eu é não só uma imagem virtual, uma ilusão do tipo do arco-íris, como existe uma onnipotência na origem fantasmática do seu conhecimento e conquista do mundo.

“Análise do discurso e análise do Eu” (VI, p.75 e sg) - podíamos dizer aqui análise do inconsciente e psicoterapia do *ego* -, é também o momento em que Lacan pede à Sra. Gélinier para apresentar um texto de Melanie Klein intitulado “A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego”.

Antes desta apresentação, Lacan tece algumas considerações sobre a “rival merovingiana” - de Merovingeos, casta gaulesa envolvida constantemente em guerras contra os ramos da mesma família - de M. Klein, a filha de Freud, Anna, defensora de um racionalismo moderado, bem como da análise concebida como pós-educação, visando a persuasão do Eu do paciente no sentido da sua fortificação e adaptação à realidade. Lacan cita um pequeno trecho de Anna Freud - como Klein especialista em análise de crianças -, onde esta defende que, antes de se analisar as resistências sob transferência, deve-se analisar os mecanismos de defesa do Eu contra os afectos. Para Lacan convém ler este conselho técnico de Anna Freud como uma etapa da sua compreensão da *praxis*, o momento em que se apercebe que a transferência imaginária conduz ao impasse da relação dual entre analista e paciente, cuja matriz é a relação precoce mãe/bebé. Anna Freud percebe aqui que é preciso ir mais além do transitivismo narcísico (a-a'), até ao pai com quem a paciente se identificava, e, para lá deste, até ao complexo de Édipo (A).

Mas isto não é ainda suficiente. Lacan explica que existem diferentes relações duais no interior do complexo nuclear - mãe/pai, criança/mãe, criança/pai, sem falar a de cada um deles com o Falo -, e que são dissimétricas, por isso é preciso procurar o modo como estas relações se organizam ao nível da estrutura simbólica.

Mais ainda, o verdadeiro terceiro elemento não é o pai, mas o saber. Lacan cita uma passagem de Freud - no *Abrégé de psychanalyse* - no qual este afirma que, na transferência, o saber do analista compensa a ignorância do analisando; e comenta que há

uma suposição de saber na transferência, mas com a condição de acrescentar que o analista também desconhece a constelação simbólica do inconsciente do analisando. A “ignorância doura” do analista corresponde a esse saber inconsciente, ao saber não-sabido conscientemente, diferente do conhecimento paranóico e da rivalidade imaginária própria às relações duais.

O Real como aquilo que “resiste absolutamente à simbolização” permanece inefável; mas não desaparece, permanece por exemplo como o lugar do retorno alucinatório do que foi precluído do Simbólico, caso da *Werverfung* da significação fálica do dedo decepado do Homem dos Lobos.

Uma vez entendido que o Eu - a principal personagem do palco da teoria pós-freudiana - é uma miragem estilo arco-íris, e que na transferência simbólica o analista é o suposto saber (do) inconsciente, Lacan deixa falar a Sra. Gélinier, comentando em seguida as dificuldades que esta teve na leitura do artigo de Melanie Klein.

Klein parece querer com o seu título ir até ao Simbólico, ou pelo menos para além do Imaginário onde normalmente pratica.

Ela expõe no artigo o caso de Dick, um menino de 4 anos que teve em tratamento até aos 11 anos de idade, isto é, durante 7 anos (1929-1936).

Apesar das dificuldades de diagnóstico, as intervenções de Klein produziram efeitos terapêuticos que convém esclarecer.

Klein remete fundamentalmente os sintomas de Dick para problemas de “contacto” ou de relação com a realidade. Estes problemas teriam como pano de fundo o não-desenvolvimento do *ego*.

Para Lacan o *ego* de Dick nem sequer se formou, facto que Klein confirma à sua maneira quando retira a criança do grupo dos neuróticos.

Mas o que está sobretudo em causa é que a dita “realidade” não foi suficientemente simbolizada, o que faz que Dick viva num mundo indiferenciado e indiferente, por assim dizer “não-humano”,

onde nada se desenvolve, onde há apenas um “vazio” ou “negro” que se repete.

Lacan considera que Klein é uma terapeuta experiente, que sente as coisas, só que não as consegue dizer bem. Isto deve-se em particular ao facto de não ter nenhuma teoria do imaginário, e menos ainda do fantasma, apenas uma teoria incompleta do *ego*.

Esta última segue o modelo as fases (oral, anal, de latência, genital) do desenvolvimento psico-físico da criança, em particular o esquema promovido pelo seu analista, Karl Abraham. A novidade é que Klein introduz neste esquema o sadismo oral, enquanto que Abraham apenas referira a existência de um sadismo ao nível da fase anal.

Para Klein o sadismo oral é a forma primária de manifestação do instinto de destruição; e tem um papel fundamental na criação do simbolismo.

O desenvolvimento do Eu faz-se por identificações que ajudam a responder aos sinais de angústia; estas processam-se essencialmente por incorporações (e não introjecções simbólicas) e projeções (e não de-negações) de conteúdos do continente primário que é o corpo da mãe, primeira imagem fantasmática do Grande Todo; desenvolvimento que é igualmente pautado por relações de objecto de estilo destrutivo/construtivo. Como um vampiro, o bebé suga o interior da mãe para se apropriar dos seus bons conteúdos (leite, etc.) e expulsar os maus.

O problema a este nível é que Dick não se mostra angustiado, nem quer sugar qualquer coisa do Outro. Ele recusa o Outro e não tem um Eu uno e idêntico a si mesmo. É dizer que não houve identificação primordial a uma *Urbild*, e menos ainda admissão (*Bejahung*) de um primeiro símbolo. Como diriam os brasileiros, Dick vive pura e simplesmente “na real”.

A criança também não se focou na mama como objecto privilegiado da relação mamífera precoce. Fonte de satisfação da necessidade vital, o seio kleiniano é vivido pela criança como bom quando dá prazer (traz o amor juntamente com o leite) e, como mau, quando causa desprazer. Com esta ressalva: não só por estar ausente,

como pelo facto de nunca dar uma satisfação plena, o seio é tão bom como mau.

A criança procura os bons/maus objectos no continente materno; ela aprecia os primeiros e ataca ou esmaga os últimos antes que eles a destruam. O sadismo oral é fundamental nesta luta titânica contra o *Kakon* (inimigo interno).

Só que Dick não parece ter necessidades, nem pede nada ao Outro.

Klein acredita que, depois de uma primeira série de apropriações/expropriações dos conteúdos maternos na fase oral, a criança passa naturalmente para a fase seguinte, a anal, e depois para a genital, onde tenta pela primeira vez apropriar-se, não da mama, mas da Mãe como pessoa completa. Ele entraria aqui no complexo de Édipo. Mas esta sequência também parece perturbada em Dick.

Na psicogénese, a fase genital vem depois da oral e da anal. Mas Klein afirma surpreendentemente que “a criança espera encontrar, no interior do corpo da mãe: *a*) o pénis do pai, *b*) excrementos, *c*) crianças, (pois) compara todas essas coisas a substâncias comestíveis”.

Tudo é reduzido ao oral ou este domina tudo. O sadismo oral é a primeira e principal arma contra o lado mau dos objectos. Mas provoca também a angústia depressiva e a culpa, quando a criança começa a imaginar que o objecto ou os pais irão vingar-se do seu ataque e castigá-la.

Klein atribui esta angústia ao Superego primitivo, herdeiro do mau seio e não do pai castrador.

Ela explica o simbolismo pelo sadismo, à partida oral, como se a relação com o seio fosse suficiente para dar conta da origem da linguagem e existência da ordem simbólica. Ela esquece que os mamíferos não falantes também têm uma relação precoce com a mama.

Para ela é a intensidade (+ ou -) da agressividade sádico-oral que cria a primeira simbolização: a clivagem interior/exterior. A

partir daqui os sadismos gerariam equivalências simbólicas tais como:

incorporar = comer
expulsar = vomitar, evacuar.

Outras equivalências simbólicas vão se seguir, ainda que fosse preferível chamar a estas analogias ou semelhanças imaginárias: “os excrementos são transformados em armas perigosas: urinar é, para a criança, o mesmo que cortar, apunhalar, queimar e afogar, ao passo que a matéria fecal representa armas de fogo e projecteis. Numa etapa posterior a esta fase, as formas violentas de agressão são substituídas por ataques encobertos com os métodos mais refinados que o sadismo pode inventar e os excrementos são equiparados a substâncias venenosas”.

Em resumo: o sadismo seria o Deus criador do simbolismo, contribuindo assim para o desenvolvimento do Eu e a sua relação de objecto, tudo num progresso que culminaria no conhecimento da realidade externa ou do mundo como extensão do corpo materno.

A violência sádica estaria pois não só na origem da interpretação, como da sublimação, da relação do Eu com objectos menos perigosos como os da religião, da arte e da ciência.

Forçada desde a fase oral a defender-se contra os maus objectos, a criança continuaria a criar equivalências simbólicas e a desenvolver o seu Eu no sentido da maturidade adulta. Excepto se o autosadismo ganha (se transforma em masoquismo), fazendo parar a criação simbólica e forçando a criança a regredir ou a fixar-se a algo de traumático que impede o desenvolvimento.

É esta a teoria que Klein vai aplicar à clínica e a leva a modificar a técnica freudiana. Como diz Lacan em *Variantes da cura tipo* (E, p.333), é o erro de método que preside a todas as psicanálises de crianças.

O caso Dick

Klein escreve o seu *paper* seis meses depois da análise de Dick ter começado. Ao fim destes seis meses considera que houve bastantes melhoras e diz que o prognóstico é favorável.

Ela apresenta o caso como o de um *ego* à partida fechado a qualquer tipo de influência, o que a leva a pensar que a criança não é neurótica. É este dado que a faz substituir a regra freudiana da associação livre verbal pelo brincar, isto é, pelo jogo imaginário com as equivalências simbólicas, diferente como tal, diz Lacan, do “jogo livre” com as formas reais e virtuais do objecto.

Dado que aceitou tratar a criança como analista, o sintoma de Dick devia ser analisável. Todavia é esse sintoma que provoca a primeira resistência da psicanalista, a resistência ao princípio mesmo da *talking cure*.

O artigo informa o leitor que um médico psiquiatra, o Dr. Forsyth, examinou Dick e não encontrou nenhuma doença física; diagnosticou o caso como uma doença mental, uma “demência precoce”.

Klein começa por contestar o diagnóstico de esquizofrenia, pois a idade de Dick não coincide com o que dizem normalmente os psiquiatras, que referem a adolescência como a idade em que aparece a esquizofrenia. Klein considera que houve uma inibição do desenvolvimento em Dick, mas não uma regressão esquizofrénica a uma fase anterior ao narcisismo que caracteriza a paranóia. Digamos que Dick ter-se-á sobretudo fechado num casulo (autista) em razão da inibição no desenvolvimento que provocou a fraqueza do seu *ego* e a falta de contacto com a realidade.

Finalmente Klein considera que o diagnóstico de esquizofrenia pode ser aceite, se se admitir a existência de traços esquizofrénicos nas crianças de tenra idade (mais tarde falará de posição esquizoparanoide). É possivelmente o que alguns chamam hoje “esquizofrenia simples” ou “perturbação esquizofrénica da personalidade”, onde se observa alguns sintomas de Dick, como a perda gradual de motivações.

Independentemente destas dificuldades de diagnóstico, para Klein o sintoma de Dick deve-se essencialmente a uma paragem no desenvolvimento do Eu, que fez com que a sua maturação psicológica não tenha acompanhado o crescimento físico.

Para Lacan Em trata-se de um problema que concerne o transitivismo da relação imaginária entre o Eu (a') e o outro (a).

O sintoma de Dick resulta basicamente de uma perturbação na ordem simbólica. É esta perturbação do Simbólico que faz com Dick e Klein confundam o Real com o Imaginário.

As dificuldades do diagnóstico e do tratamento devem-se em grande parte ao facto de Klein não dar a devida importância à linguagem. Ela não percebe que é a língua (A) que estrutura a realidade humana. Para ela a linguagem é apenas um instrumento ao serviço dos *egos*. É este preconceito que a autoriza a dizer que a linguagem se encontra pouco desenvolvida.

Lacan comenta este propósito de Klein apoiando-se na teoria da linguagem de Karl Bühler, a qual compreende 3 níveis: o enunciado, o apelo e a comunicação. Lembra também que a linguagem não se desenvolve, que ela está lá desde sempre. O que acontece com Dick é que ele tem acesso à linguagem, mas não a acarinha ou adere a ela.

Por esta razão o inconsciente de Dick é real ou não está estruturado como uma linguagem. O Simbólico não se amarrou convenientemente ao Imaginário e isso teve consequências no Real. O Real resta homogéneo para Dick, sem os elementos discretos que a linguagem aí introduz normalmente.

É a ausência da ordem simbólica no real que faz com que Dick não se sirva da língua. Ele não se apresenta como um sujeito falante. Existem os enunciados dos pais e de outros, há também um apelo surdo nos poucos sons sem sentido que a criança emite, mas não há nada que se pareça com uma enunciação.

As dificuldades de Dick são de expressão e não de comunicação. Ele não se endereça ao Outro, pois não pode ou não quer sair do seu claustro.

Dick não se serve do código comum. Aos 4 anos repete palavras mecanicamente (ecolalia), outras vezes deforma as palavras ou aplica-as a despropósito.

Klein não tenta que Dick fale, nem fica à espera que ele o consiga fazer. Propõe antes que brinque. Mas não se pode dizer que Dick brinque de imediato; é certo que ele pega mecanicamente nos brinquedos que ela lhe dá, mas estes são tão invisíveis para ele como a terapeuta. É Klein que brinca com Dick, verbaliza a brincadeira, interpreta o comportamento da criança e a sua relação com os objectos. Mas utilizando os significantes da sua teoria ou os seus próprios significantes.

A confusão entre linguagem e pensamento leva tradicionalmente a perguntar se Dick é inteligente ou idiota? Klein diz apenas que ele não estava desenvolvido intelectualmente; a nível cognitivo compara-o a um bebé de 15-18 meses, sem mencionar o critério utilizado nesta avaliação psicológica, por exemplo o coeficiente de desenvolvimento de Gesell ou o QI de Terman-Merril. Esta idade corresponde no entanto ao que Lacan explica no “estádio do espelho como formador do Eu”.

O discurso do Outro já lá está. Dick é falado, pode até falar, mas não fala. Mesmo se tem acesso às palavras, e até ao sentido destas, ele não introjectou, nem goza destes elementos simbólicos.

Também não deseja estabelecer contacto com ninguém, por exemplo aprender o que os outros lhe ensinam. Todavia não era autónomo, não conseguia por exemplo agarrar na colher ou na faca para comer.

Não só se mostrava indiferente a tudo e a todos, como era insensível à dor. Da primeira vez que a criada o trouxe ao consultório e o deixou sozinho com Klein, Dick contornou a terapeuta sem a olhar como se ela fosse um móvel. Para Klein esta indiferença não estava associada a nenhuma manifestação de amor ou de ódio (contra ela), tinha origem num Outro lugar.

A dada altura Klein apresenta ao leitor a História Clínica da criança, juntamente com a etiologia do seu sintoma. Diz que a mãe

de Dick não desejou o bebê, e que o primeiro sintoma deste foi recusar o biberão. Quase morreu de fome na altura. Andaram à procura de alimentos para substituir o leite materno até que, aos 6 meses, se contratou uma ama-de-leite. Demasiado tarde, pois Dick já não queria mais mamar no peito; ao mesmo tempo começou a formar novos sintomas, a sofrer de problemas digestivos, de uma distorção orgânica (prolapso) e de hemorroides.

Há, pois, uma espécie de abandono primário, traumático, que fecha a criança num casulo, a que se segue a formação de sintomas e fenómenos psicossomáticos. Mas também perturbações comportamentais e cognitivas, a mãe queixando-se por exemplo do menino fazer sempre o contrário do que ela queria.

O pai de Dick e a ama também não eram afectuosos com ele. Aos dois anos arranjam-lhe uma nova ama, mais terna do que a outra. Foi viver com esta por algum tempo para a casa da avó. Com estas duas mulheres conseguiu adquirir uns poucos hábitos alimentares e motores. Apesar de também ter apreendido na altura algumas palavras novas, a dificuldade em falar, comer e evacuar manteve-se.

Só aos três anos é que Dick adquiriu hábitos de higiene mais estáveis. Mas aos 4 anos surgiu um forte sentimento de culpa depois de ter sido descoberto a masturbar-se; a criada viu-o e percebeu que ele já o fizera antes. Disse-lhe que isso não se fazia, o que parece ter desencadeado uma forte culpa na criança.

É por causa da masturbação que Klein fala de uma entrada em acção muito precoce da zona genital. Ela pensa que a culpa de Dick ligada à masturbação contribuiu bastante para a paragem no desenvolvimento. Visto, acusado e depois julgado pela ama amada, ele sentiu-se tão culpado que deixou de se interessar por tudo o que estava à sua volta.

O que é que Klein oferece a Dick para sair do impasse? Além da sua presença entre as quatro paredes do consultório, possui alguns brinquedos, essencialmente comboios e chaves. Na sua teoria, o consultório é um equivalente simbólico do continente materno, e os

brinquedos substituem os objectos que Mãe/Ama/Terapeuta oferece para a cura de Dick.

Como o obstáculo fundamental - a falta de contacto com a realidade impedia também a transferência, Klein procurou ultrapassá-lo aplicando a Dick a sua “técnica do brincar”: “peguei num comboio grande, coloquei-o junto de um mais pequeno, e dei-lhes os nomes de ‘comboio papá’ e ‘comboio Dick’”. E continua: ele “agarrou então no comboio pequeno que eu baptizara Dick, empurrou-o até a janela e disse: ‘Estação’. Repetiu isto várias vezes. Expliquei-lhe: ‘A Estação é a mamã; e o Dick está a entrar na mamã’. Largou então o comboio e correu até ao *hall* entre a porta e o consultório, fechou-se lá dentro e disse: ‘Escuro’; logo a seguir, saiu a correr. Repetiu isto várias vezes. Expliquei-lhe: ‘Está escuro dentro da mamã, o Dick está dentro da mamã escura’”.

Depois desta interpretação, Dick fica pela primeira vez angustiado e começa a gritar para que a criada o venha buscar.

Até lá nada o angustiava. Apenas tinha comportamentos descoordenados e emitia ruídos sem significação. De repente Klein injecta à força as suas interpretações na criança, procedimento que tem algo do sadismo oral que ela teoriza. O Outro que começa a nascer desta maneira para Dick é, pois, um Outro perseguidor, que basicamente angustia.

Na segunda e terceira consulta repete-se a mesma cena. Na terceira consulta Dick chama pela primeira vez a terapeuta pelo seu nome: “Sr.^a Klein”. Com esta nomeação começa a defender-se contra a angústia que Klein lhe começou a causar.

Klein sente que foi a partir deste momento que Dick começou a ter uma dependência mais sã em relação a ela, por exemplo a interessar-se mais pelos brinquedos que lhe dava. Diz que a criança começou também a ser mais afável com a mãe e a empregada.

Um dia Dick pegou num desses brinquedos, uma carroça de madeira, e disse que a queria “cortar” para carregar carvão. Klein ofereceu-lhe uma tesoura; mas como ele não conseguiu segurar nela, foi Klein que “cortou” a carroça. Dick olhou para os pequenos pedaços de madeira que ficaram espalhados pelo chão e exclamou:

“foi embora”. E Klein diz-lhe que ele acabou de atirar as suas fezes para fora da mãe!

Num outro dia Dick levou um boneco à boca, mordeu-o e disse: *tea daddy*, “chá papá”. Klein traduz *eat daddy*, comer papá. Depois afirma que o boneco é o pénis do pai, e que Dick chegou à fase genital pela via da incorporação oral!

Klein pensa que neste momento Dick entrou no complexo de Édipo; e que foi a culpa incestuosa que daí decorre e que inclui a masturbação que fez com que ele se sentisse obrigado a oferecer os bonecos (crianças) à Mãe/Ama/Terapeuta, a colocá-los na sua mão e no seu colo.

Numa outra vez Dick viu umas aparas de lápis sobre o colo da terapeuta e exclamou: “pobre Sra. Klein”! Apesar de Klein dizer que, numa situação semelhante, Dick também disse “pobre” a propósito de uma cortina, ela descortina neste “pobre Sra. Klein” que Dick começou a ter pena dela, mesmo simpatia por ela, sentimento que considera decisivo para vencer o impulso agressivo (transferência negativa).

Klein diz que Dick começou a ter acesso ao seu inconsciente através dos rudimentos de fantasias e de símbolos que ela lhe forneceu. Lacan comenta que isto apenas mostra que o inconsciente é “o discurso do outro”.

Só que as palavras neste discurso continuam a ser as do Outro, assim como os brinquedos, o que deixa em aberto a questão de saber quais são os símbolos que representam efectivamente o sujeito e qual é o seu objecto.

O uso da linguagem permitiu que Dick começasse a nomear as coisas que o angustiavam; foi também o que o fez comunicar e desenvolver o seu conhecimento da realidade. A palavra ajudou também a que se distanciasse do *hall* ou saísse do armário onde antes se fechava, e a lidar com os objectos que começou a simbolizar e explorar através de equivalências simbólicas (armário = bacia = aquecedor eléctrico = armazém de calor). Por vezes regressava aos antigos objectos, mas agora queria saber os nomes

deles. Ou seja, com a nomeação das coisas, Dick começou a desejar fazer-se escutar e entender.

Klein afirma que as suas interpretações se basearam apenas na sua experiência clínica e conhecimento geral da psicanálise. Isto sem ter necessidade – como Anna Freud receando que o Ego sucumbisse ao Id – de exercer uma influência educativa sobre a criança.

O que Klein não consegue entender é que qualquer desenvolvimento apenas se pode efectuar quando a criança entra na ordem simbólica, e aí chega à fala, fala que à partida não é a dela, mas normalmente a dos pais.

Se a fala de Klein substituiu positivamente a dos pais de Dick, através dela é ainda o discurso do Outro que se impôs ao sujeito reduzido a um objecto de cuidados terapêuticos e investigação psicanalítica.

O que falta a Dick não é um *ego (moi)* mais desenvolvido, mas um *je*, a enunciação de uma palavra que questione e responda em seu nome próprio.

A “técnica” de Klein visa sobretudo que o comportamento de Dick se torne dócil às interpretações da terapeuta. Afirma por exemplo que Dick apenas se interessava por comboios, estações de caminho-de-ferro e maçanetas de portas. Mas não há nada na fala de Dick que indique que isto seja verdade. O gosto pelos comboios ou as chaves vem à partida da terapeuta, porque são estes objectos *ready-made* que ela tem no seu consultório. É ela mesma que o confessa: mostrei-lhe “os brinquedos que estavam prontos para ele brincar, olhou-os sem o menor interesse”.

Klein interpreta sempre de modo selvagem, sem ter em conta os significantes do sujeito e o seu objecto. Explica por exemplo a Dick que as portas que abrem e fecham são entradas e saídas do corpo materno, que a maçaneta é o pénis do pai, ou o dele, e o comboio entrando na estação escura é um pénis a penetrar na vagina ou no ventre da mãe.

Ao abandonar a associação livre verbal, Klein injecta os seus próprios significantes na criança, atira-lhe com os seus conceitos à

cara, com a melhor das intenções, pois pensa que está a ajudá-la a desenvolver o seu *ego*.

Lacan assinala apenas o que podia ter sido feito com uma outra concepção e leitura do símbolo.

A primeira palavra que Dick diz é *station*, “estação”. É um primeiro significante que sai da sua boca e não da de Klein; é um significante novo oferecido à análise, mas de que a analista deixa cair a matéria fonético-literal e se apressa dar-lhe um significado que confirme a sua teoria: *station* = mãe.

E, portanto, era primeira vez que Dick mostrava querer servir-se do Simbólico para sair do impasse Imaginário e do Real autista.

Station não é a mãe, e *black station* não é a vagina ou o ventre da mãe. Como diria Hegel, a não ser na noite onde todas as vacas são negras.

Em primeiro lugar *station* é um significante; locomotiva que traz atrelada a si o vagão da verdade que a psicanálise explora, a saber aquela que surge do equívoco, como explica o final do Seminário I.

O equívoco ressoa na própria palavra *station*, que inclui *action*: a acção do Simbólico. Esta acção supõe a existência de uma *standing station*, de uma ordem simbólica e eficaz, que forneça ao sujeito uma *desk station* ou *dock station*, uma base de apoio mais estável do que a confusão que reinava entre Imaginário e Real; *station* é também a instância, a instância do significante ou melhor da letra no inconsciente; é ainda o primeiro anel da cadeia, da correia da transmissão - a *relay station in a courier system* - e comunicação, como em *radio station*.

Em vez de explorar estas e outras cadeias da rede inauguradas por *station*, Klein fecha de imediato a porta do inconsciente que a linguagem estrutura.

Ela não escuta o autista, nem dá o tempo necessário a Dick para que este deseje dirigir-lhe a palavra. Klein limita-se a falar, falar, falar. Supondo sempre as fantasias que estariam por detrás do

comportamento da criança; mas como Dick não associa livremente, é ela que enxerta nele as suas próprias associações e fantasias.

Lacan releva que Dick está sempre adiantado em relação ao que Klein faz ou tenta fazer. Quando por exemplo exclama “pobre Sra. Klein”, é do fantasma do corpo despedaçado que determina o sintoma que ele fala. É também isso que ele descortina nos pedacinhos de madeira e nas aparas de lápis que junta no colo da terapeuta, e que lhe comunica com palavras gentis.